XII. Apêndice: Relatórios

Relatório do GT de Musicologia Histórica e Estética Musical

Coordenação: Prof. Dr. Maurício Dottori

O Grupo de Trabalho de Musicologia Histórica e Estética Musical foi bastante produtivo. O relatório aqui apresentado se subdivide em duas partes, ainda que as discussões não hajam sido estruturadas, necessariamente, deste modo. Primeiro, a parte mais conceitual em que se discutiram idéias e sugestões para o futuro da área; a seguir, a parte mais pragmática na qual se oferecem indicativos para projetos futuros da área, como sugestões para torná-la mais produtiva e conseqüente.

As discussões conceituais ocorreram primeiramente em torno dos mitos que perpassam as narrativas históricas de nossa musicologia. Luís Goldberg citou, como exemplo, o mito da Semana de 1922, e do Modernismo, que pertuba a pesquisa sobre a música na Primeira República; Marcos Holler, sugeriu que os mitos não são só originários, mas que há uma contínua criação de novos mitos; Maurício Dottori, insistiu sobre a importância de que os musicólogos não deleguem, a narrativas míticas, a verificação de valores intrínsecos às obras, e a discussão de juízos de valores; Holler lembrou que há uma musicologia sem *obra*, voltada ao repertório não notado, de transmissão oral; Magda Clímaco falou de diferentes releituras históricas dos conceitos de gênero e estilo; Alexandra van Leeuwen, acentuou como isto resulta em problemas de valoração de fontes para pesquisa sobre a música colonial brasileira; Goldberg ressaltou o problema, freqüentemente tangenciado pela nossa musicologia, da ampliação da crítica musical no que se aplica à música brasileira.

Houve, a partir disto, uma extensa discussão sobre filosofia, estética e história. Tristan Torriani sugeriu que a fundamentação filosófica, é importante na comunicação entre estética e musicologia histórica, e chamou a atenção para o campo da Filosofia da Música; Olga Sofia Freitas, comentou sobre a importância de se levar em conta as recentes metodologias de pesquisa da Historiografia; Ana Guiomar apontou para as correntes conceituais que privilegiam a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, no estudo das tradições, das permanências e das mudanças. Luciano Souto falou sobre a relação entre música-arte e indústria; do que Álvaro Carlini lembrou a distinção entre popular e popularesco. Magda Clímaco, levantou a questão dos diferentes objetos da musicologia, de que a abordagem do estudo da música enquanto Arte não deveria se afastar das questões de sua relação com a sociedade, do que decorreu a sugestão de Luís Goldberg, encampada por Paulo Castagna, Carlini, Holler e os demais, de que no próximo congresso da Anppom as áreas de Musicologia Histórica e de Etnomusicologia tenham um Grupo de Trabalho conjunto. A proposta tomou a forma de uma reivindicação de uma musicologia abrangente, para, libertando-a do conceito mais tradicional da disciplina, ampliá-la do ponto de vista das fontes, dos objetos, das abordagens, das metodologias, etc. Tomou também a forma de um indicativo para que se desperte o interesse pela musicologia da Contemporaneidade, que avançasse a partir de uma visão crítica do nacionalismo e do regionalismo como discurso de construção de poder.

A partir de um terceiro assunto, tomou-se uma direção mais pragmática, com a sugestão de Dottori de que, tendo em vista o grande volume de pesquisa desenvolvida no Brasil nos últimos 20 anos, partisse da Anppom uma iniciativa para a indexação de toda a produção bibliográfica brasileira, começando pelos trabalhos apresentados em congressos da Associação, e passando pelos demais encontros e revistas científicas, que se tornaria uma ferramenta para o trabalho futuro. A sugestão foi debatida e acatada por todos. Castagna lembrou que realizou, faz alguns anos, um trabalho parcial neste sentido que poderia ser usado como base para o desenvolvimento deste Banco de Dados. Yimi Silveira sugeriu que a área de musicologia histórica poderia contribuir com material didático para uso acadêmico; a proposta foi intensivamente discutida e resultou no indicativo de que a Anppom pleiteie junto ao MEC a constituição de uma comissão para a produção de livros de História da Música, para uso seja na Graduação em Música, seja nos ensinos Fundamental e Médio, que estejam de acordo com a produção acadêmica brasileira. Esta comissão levaria a produção de material didático, de História da Música e Apreciação, que incluiria livros, CD-Roms, HQs, etc.).

Relatório do GT de Performance

Coordenação: Profª. Drª. Cristina Capparelli

Durante os quatro encontros foram discutidos temas atuais e relevantes na área de pesquisa em performance. Os participantes haviam recebido um folder contendo doze trabalhos publicados e que versam sobre memória, emoção, auto-avaliação, prática deliberada e estudos de conjuntos de música de câmara. Os participantes Stefanie Freitas, Daniel Vieira, Daniela Gerber, Marcia Kazue e Luís Cláudio de Barros tiveram a oportunidade de apresentar trabalhos recentemente desenvolvidos nestas áreas e a coordenadora também apresentou o resultado parcial de suas pesquisas na área de comunicação da expressividade na execução musical.

As discussões foram muito proveitosas e o grupo definiu que pesquisas na área de performance visam prioritariamente:

1. Desenvolver trabalhos de cunho semi-experimental ou experimental que enfoquem aspectos relacionados à preparação de performance ou à performance propriamente dita;

2. Entender a revisão bibliográfica como uma etapa importante porém não equivalente ao trabalho de pesquisa dos aspectos específicos de performance;
3. Encorajar o trabalho em equipes multidisciplinares e com pesquisadores de trajetória reconhecida e,
4. Ao par da pesquisa tradicional que se utiliza de conhecimentos históricos e analíticos, procurar desenvolver projetos em áreas específicas tais como as anteriormente mencionadas: memória, comunicação da expressividade, auto-avaliação, prática deliberada incluindo comportamento no palco e avaliação de execuções.

O grupo permaneceu ativamente interessado durante todas as sessões, o número de perguntas revelou um excelente entendimento do assunto apesar de algumas perplexidades com relação à complexidade dos trabalhos. As reflexões dos participantes foram muito positivas e constatamos uma real possibilidade de crescimento no número e na qualidade de trabalhos em futuro próximo.

Relatório do GT de Composição

Coordenação: Prof. Dr. Didier Guigue

A. Ementa e organização

Três enfoques da praxis composicional atual no Brasil:

5. Processos e procedimentos composicionais baseados no conceito de textura, entendida como meta-dimensão que tanto pode governar a configuração hetero-polifônica da música instrumental/vocal quanto o conteúdo espectral, ou mais genericamente, « sonoro », das músicas « acústicas » ou « eletroacústicas ».
6. 2. Utilização, função ou influência de elementos culturais localizados (p.e. «regionais »), tanto no âmbito do material quanto da organização musical.
7. 3. O impacto da tecnologia digital/informática no fazer composicional e nas práticas musicais. Criação artística baseada em discursos sonoros (em conjunto com o GT Sonologia). A princípio, cada um desses enfoques deverá ocupar uma das três sessões programadas, a menos que a dinâmica do grupo e das discussões leve para outro recorte. Entende-se que os participantes acompanhem as três sessões temáticas, ainda que sua área de competência ou atuação possa não contemplar igualmente os três enfoques.

O planejamento original dos GTs previa três dias seqüentes de trabalho — razão pela qual adotamos uma agenda de três temas — seguido de um quarto dia onde os Coordenadores iriam relatar publicamente o resultado dos trabalhos. No entanto, a Diretoria resolveu desistir deste formato, devolvendo o quarto dia para continuação e fechamento dos trabalhos. Houve uma média de doze participantes por sessão.

B. Relatório

Dia 1 – 25/08/09 Tema: Processos e procedimentos composicionais baseados no conceito de textura, entendida como meta-dimensão que tanto pode governar a configuração hetero-polifônica da música instrumental/vocal quanto o conteúdo espectral, ou mais genericamente, « sonoro », das músicas « acústicas » ou « eletroacústicas ».

A convite do Coordenador, o Prof. Orlando abriu a discussão explanando seu projeto de formalizar e sistematizar a textura como técnica composicional, incluindo soluções metodológicas práticas para ensino em cursos de composição. Daí o Grupo passou a debater, essencialmente, por um lado, aspectos técnicos de realização concretas de texturas no âmbito de uma composição, e, por outro lado, aspectos estéticos e históricos. Nisto, a contribuição do Prof. Manzolli, convidado pelo Coordenador, foi essencial ao definir conceitos baseados no seu entendimento da obra de Ligeti. Outros aspectos debatidos foram as relações que a textura, como dimensão da composição, mantem com (1) a polifonia, (2) a densidade, a intensidade e o espectro de freqüência, (3) a banda crítica e outros aspectos psicoacústicos. Discutiu-se problemas de mensuração de certas dimensões para fins composicionais, e a correlação negativa instaurada entre o nível de polifonia e sua impenetrabilidade perceptiva, que poderia corresponder a uma definição da textura. A discussão focou-se na música instrumental, embora a questão da textura na música eletroacústica também tenha feito objeto de observações por parte de alguns participantes.

Dia 2 – 26/08/09 Tema: O impacto da tecnologia digital/informática no fazer composicional e nas práticas musicais. Criação artística baseada em discursos sonoros (em conjunto com o GT Sonologia).1[1] Antes de entrar no assunto em pauta, este Coordenador abriu a sessão pela constatação de que, embora ele, compositor de música eletroacústica, tenha sido convidado pela Comissão organizadora do Evento para coordenar o GT COMPOSIÇÃO, acenando assim que a comunidade acadêmica entendia que não existia fronteiras entre as duas práticas, a maioria dos compositores especializados na criação de música por meios eletrônicos ou digitais se identificou melhor na pauta do GT SONOLOGIA. Esta observação gerou uma discussão que afastou a sessão longe do tema previsto, se concentrando na tentativa de identificar os problemas institucionais da sub-área de Sonologia. Nisto, os membros do GT SONOLOGIA não conseguiram, ou não se interessaram em, estabelecer passarelas de discussão que envolvessem os membros do GT COMPOSIÇÃO

Dia 3 – 27/08/09 Tema: Utilização, função ou influência de elementos culturais localizados (p.e. «regionais »), tanto no

[1] A pedido do GT Sonologia, a sessão comum foi antecipada para o segundo dia.

âmbito do material quanto da organização musical. Tomando como ponto de partida uma breve exposição do compositor participante Jorge Alves, sobre uma obra dele, Genesis, que utiliza captação de sonoridades da viola caipira para integrá-las em procedimentos característicos da música espectral, o debate girou em torno dos seguintes aspectos da questão: (1) eventual fetichização do material "folclórico"; (2) induções sócio-culturais quanto a utilização de elementos regionalmente localizados; (3) grau de sensibilidade dos compositores a fatores externos favorecendo esta indução (foi citado, entre outros exemplos, o projeto do Ano do Brasil na França).

Dia 4 – 28/08/09 Tema: O impacto da tecnologia digital/informática no fazer composicional e nas práticas musicais. Leitura e discussão do esboço deste relatório. Havendo consenso sobre o aspecto globalmente positivo da funcionalidade do computador para fins de avaliação, simulação de resultados, produção e distribuição das obras, cada participante descrevendo sua própria metodologia de trabalho, a discussão prosseguiu sobre o impacto da informática quanto aos processos de criação em si, em particular por meio do uso de modelos matemáticos ou estatísticos. Automatas e processos generativos de música foram evocados. Os participantes fecharam a rodada de discussão abordando a questão da relação homem-máquina. No final, o Coordenador leu um primeiro esboço deste relatório, que foi discutido e aprovado, enquanto fez-se uma avaliação do GT e propostas para o futuro, conforme segue.

C. Avaliação

Os participantes avaliaram proveitosos os debates e a interação entre os participantes, porém fazem as seguintes sugestões para os próximos congressos:

1. abrir espaço para os interessados apresentarem trabalhos em progresso, sejam artísticos (composições) ou teóricos, que não se enquadrariam na sessões de comunicações do Congresso. Neste caso, as propostas deveriam ser previamente encaminhadas ao Coordenador para o mesmo organizar.
2. o Coordenador propor uma obra ou trabalho teórico de referência em cima do qual todos os participantes prepararíam e trariam alguma contribuição.

Quanto aos GTs em geral, o grupo acharia interessante que, sem cancelar o presente formato, possam ser oferecidos também, ou alternativamente (ano sim ano não), GTs temáticos, transcendentes às sub-àreas.

Relatório do GT de Educação Musical

Coordenação: Profª. Drª. Cláudia Ribeiro Bellochio (UFSM)

A. Ementa

A proposição desse grupo de trabalho é potencializar aos participantes um debate coletivo, respeitando diversidades teóricas e metodológicas, acerca da educação musical no contexto da educação brasileira, formal e não formal, na perspectiva de gerar contribuições compartilhadas. A discussão sente-se necessária, principalmente, no atual momento da política brasileira em que a Lei 11. 769/08 determina que "a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o parágrafo 2º", ou seja, "o ensino da arte" (Brasil, 2007). Sugere-se alguns temas para o início dos trabalhos e que no âmbito do GT poderão ser reorganizados. "Saberes musicais: reflexões, práticas e perspectivas em educação musical no contexto brasileiro"; a Lei 11.769/08 e seus impactos em diferentes espaços do Brasil; grupos de pesquisa em educação musical: mapeamento e produções; produção, divulgação e circulação de pesquisa em educação musical; periódicos música e *qualis* capes; outros temas.

O GT de Educação Musical foi proposto pela Profa. Dra. Cláudia Bellochio, da UFSM, que infelizmente, não pôde ir para Curitiba. A pedido da vice-presidente do Congresso, profa. Dra. Rosane Cardoso de Araújo, a profa. Dra. Margarete Arroyo, da UFU, coordenou as sessões do GT.

No primeiro dia (25/ago), por solicitação de Cláudia Bellochio, Sérgio Figueiredo, presidente da ABEM, informou sobre as ações relativas à obrigatoriedade do conteúdo música na educação básica. Sérgio ressaltou a necessidade de diálogo efetivo entre as Licenciaturas em Música e os cursos de Pedagogia no tocante à formação de professores generalistas e do contato das universidades com a realidade escolar e secretarias municipais e estaduais de educação através de projetos integradores.

Em seguida, foi focalizada coletivamente a temática do GT para as três sessões de discussão: **a produção do conhecimento no campo da Educação Musical vinculada à música na educação básica.**

Na segunda sessão **(26/08)** iniciamos efetivamente o debate sobre essa temática que decorreu mesclando depoimentos de ações já em curso em diferentes regiões do país (Mogi das Cruzes; João Pessoa; Florianópolis; Porto Alegre; São Carlos; Paraná; Acre; Rondônia, Goiás); dificuldades encontradas com relação aos concursos para professores da rede pública que na sua maioria não contemplam a especificidade da formação dos professores da área de música; a falta de candidatos; desconsideração da equipe administrativo-pedagógica das unidades escolares em relação à formação específica dos professores de música.

De modo geral, foram abordados os seguintes tópicos tendo em vista a produção de pesquisa relacionada à Educação Musical no âmbito da Educação Básica: formação inicial e formação continuada de professores; ações políticas junto aos órgãos gestores; projetos que articulem pesquisa, ensino e extensão; e ainda, com base nas pesquisas, produção de material de apoio ao trabalho pedagógico-musical na educação básica.

Na terceira sessão (**27/08**), Sérgio Figueiredo relatou acerca da reunião ocorrida no Rio de Janeiro, na

FUNARTE, no dia 26/08/2009, da qual participou e cuja síntese preparada pelo próprio segue abaixo:

> Esta reunião faz parte de um conjunto de ações que vem sendo realizado em função da nova lei da música. Existe uma comissão interministerial (MEC e MINC) que vem participando deste trabalho e a ABEM tem assento nesta comissão. Participaram da reunião: representante do MEC da Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica, Secretário Nacional de Articulação da UNDIME[1], FUNARTE, ABEM, GAP[2], Sindicato dos Músicos, Escola de Música Villa Lobos, Conservatório Brasileiro de Música.
> Os principais pontos da reunião se referiram aos próximos passos neste processo de implantação da lei. Ficou acordado que serão realizados Seminários regionais para que se informe e discuta diversas questões referentes a esta legislação. Nestes seminários diversos segmentos estarão representados, e a ABEM terá assento em todos eles. Pretende-se que durante os seminários aconteçam momentos com a participação de público, além das reuniões de trabalho de caráter mais restrito. Além dos seminários, as próximas ações envolvem o envio de documentos/ consultas ao CNE, com o objetivo de solicitar orientações específicas com relação à implantação da lei. A representante do MEC informou que o Ministério da Educação já enviou ao CNE documentos que precisam ser atualizados, e considera muito oportuna a ação do grupo no sentido de reforçar esta solicitação sobre a música. Todas as ações serão amplamente divulgadas pela ABEM e outras associações e grupos, para que todas as etapas do processo sejam muito conhecidas de todos e que cada um (indivíduo, escola, instituição) possa participar deste processo. Outras reuniões acontecerão com esta Comissão Interministerial e os resultados serão sempre divulgados pela ABEM.
>
> Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo
> Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
> Presidente da ABEM

Na quarta sessão, **(28/08)** Foi lembrada a relevância de que os professores de música estejam preparados para também atender nos seus programas os estudantes com necessidades educacionais especiais.

Nesse momento, redigimos o texto final para publicação.

Como resultado deste GT – Educação Musical, foram feitos os seguintes ENCAMINHAMENTOS, todos tendo por base a pesquisa:

3. Realizar ações políticas junto aos órgãos gestores da educação articuladas ao ensino, pesquisa e extensão, a fim de contribuir para o fortalecimento e a consolidação da música na educação básica;
4. Produzir pesquisas que evidenciem dados locais sobre a presença/ausência da música na escola, profissionais disponíveis, infra-estrutura, etc;
5. Aproveitar recursos disponíveis nas agências de fomento e governos (Editais) para financiar essas ações articuladas: CAPES, MINC, MEC, etc.
6. Desenvolver produções conjuntas de grupos de pesquisa, a exemplo do que já ocorre entre grupos de pesquisa da UDESC (coordenado por Sérgio Figueiredo) e UFPb (coordenado por Luis Ricardo Silva Queiroz);
7. Subsidiar, com as pesquisas, a construção de argumentos sobre o valor da música na educação básica;
8. Gerar maior visibilidade ao que já se tem produzido de conhecimento sobre a música na educação básica;
9. Mapear o que já se faz nas escolas e dar visibilidade a essas ações;
10. Enfatizar a necessidade da separação das linguagens artísticas para superação da experiência da polivalência dos professores das áreas de artes;
11. Produzir material de apoio para o trabalho pedagógico-musical na educação básica, com base em pesquisas.

Notas:

[1] UNDIME – União dos Dirigentes Municipais de Educação;

[2] GAP – Grupo de Articulação Parlamentar – cuja articulação resultou na Lei 11.769/2008.

Relatório do GT de Etnomusicologia/Música Popular
Crise na inserção profissional dos especialistas?

Coordenação: Prof. Dr. Alberto T. Ikeda

A. Relatório (síntese)

Diversos foram os temas discutidos nas reuniões do GT, a partir da proposta inicial de reflexão sobre a "*inserção profissional"* dos pesquisadores voltados para as manifestações que cabem no escopo da etnomusicologia, incluindo-se as músicas populares em geral, cujos interessados advêm não somente da carreira musical, mas, ainda, da antropologia, sociologia, história, letras, comunicação e outras especializações. Nota-se que existe interesse crescente por esses temas nos últimos anos, como se percebe nas inscrições aos programas de pós-graduação em música que oferecem esta linha de investigação, assim como se encontram muitos desses temas nos programas das outras carreiras mencionadas. Porém, verifica-se, já, uma crise de colocação profissional desses pesquisadores, sobretudo na docência do ensino "superior", apesar de se verificar alguma ampliação de vagas para professores dessa especialidade nos bacharelados e licenciaturas em música, e nos seus programas de pós-graduação, tanto no ensino público quanto privado. Evidentemente, o número de oportunidades de trabalho para esses pesquisadores ocorre sempre aquém do volume de egressos dos cursos de pós-graduação. Lembrou-se, por sua vez, que embora a pós-graduação tenha como finalidade primeira a formação de pesquisadores/docentes para o ensino superior, existem

outros locais onde os etnomusicólogos podem atuar, tais como: os centros de pesquisa, museus e outros órgãos governamentais; instituições culturais, como os SESCs, Centros Culturais do Banco do Brasil e outros; e, sobretudo as ONGs, que cresceram muito nos últimos anos, muitos deles realizando trabalho de inclusão social com base nas práticas musicais populares e tradicionais (escola de samba, maracatu, jongo, bandas de congo etc), em atividades voltadas para as ações afirmativas. Casos, existem, inclusive, de etnomusicólogos atuando como produtores e apresentadores de programas de rádios educativas e até televisões públicas, e, como produtores de CDs e vídeo-documentários. Naturalmente, não se pode deixar de mencionar a atividade de músico propriamente dita, nos inúmeros conjuntos existentes no País, que se referendam nas práticas etnomusicais.

Relacionado à questão da colocação profissional, retomou-se uma questão de âmbito mais epistemológico, da natureza da formação e das investigações em etnomusicologia. As reflexões giraram em torno de debates ocorridos em algumas "listas de discussão", no primeiro semestre de 2009, e alcançou vários interessados em todo o Brasil, sobre concursos públicos, em universidades federais (aqui não nomeadas propositadamente), para a seleção de professor de etnomusicologia, nos quais se restringiu a possibilidade de inscrição aos candidatos somente egressos de graduação/licenciatura e pós-graduação (mestrado e doutorado) em música/musicologia/etnomusicologia. Tal fato contraria flagrantemente a compreensão consagrada de que a etnomusicologia tem, sim, sua fundação ancorada nos estudos musicais, no sentido estrito, porém não ficam neles nucleados, inter-relacionando-se com as ciências sociais (sobretudo a antropologia), a história, as letras, as comunicações e outras carreiras. Assim, é de se esperar que os etnomusicólogos possam e devam, sim, ter formação diversificada, sem que isso constitua desprestígio e/ou restrição para o seu exercício profissional, sobretudo no ensino universitário. De fato, são muitos os etnomusicólogos no Brasil que têm pós-graduação ou mesmo graduação em antropologia, história, comunicações, artes e outras especializações. Assim, nesses casos, o excessivo direcionamento para a inscrição de candidatos com títulos universitários de formação monodisciplinar (em música), pode-se, sim, revelar, no mínimo, profunda falta de compreensão do escopo interdisciplinar desse campo de estudos musicais. As competências e domínio dos saberes desses pesquisadores podem ser aferidas não somente pela titulação acadêmica, sem dúvida. Uma vez que a seleção de professores para ingresso em quadro efetivo de universidade pública se dá, constitucionalmente, mediante concurso público de títulos *e provas*, queda evidente que quaisquer competências entendidas como necessárias para cada banca de concurso podem ser objeto de prova teórica, didática ou prática.

Constata-se, de fato, ainda atualmente, em muitos cursos superiores e de pós-graduação em música, um desconhecimento dos objetos, objetivos e métodos da etnomusicologia, entendida como o campo de estudos que se dedica ao estudo de qualquer música, estando ela presente nos domínios ditos tradicionais, eruditos ou populares. Embora nela possam ser produzidas pesquisas que eventualmente possuam aplicações imediatas na composição, arranjo e execução musicais, como ocorre comumente, é fundamental compreender-se o papel eminentemente crítico da etnomusicologia e da música popular, o que exige profissionalismo e especialização da formação e desautoriza o diletantismo em seu ensino.

Os cursos de música têm por responsabilidade não apenas a formação técnica de seus discentes, mas também sua formação ética. Isto, inclusive, prepara para que possam posicionar-se ativamente frente a questões como inclusão social e combate a preconceitos, relativizando antigos critérios de "qualidade" musical que visam discriminar a música "do outro". Considerando-se isso, recomenda-se o aumento da representatividade da etnomusicologia e música popular nos corpos docentes e grades curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação em música.

Curitiba - Paraná, agosto de 2009

Alberto T. Ikeda - coordenador (IA – Unesp – SP)– atikeda@uol.com.br

Alexandre Francischini (PPGM-IA-Unesp-SP) – alefrancischini@terra.com.br

Álvaro Simões Corrêa Neder (Instituto Federal de Educação. Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro) – alvaroneder@ig.com.br

Carlos Fernando Elias Llanos (PPGM - IA-Unesp-SP) – felias78@gmail.com

Eloá Gabriele Gonçalves (PPGM-IA-Unicamp-Campinas-SP) – eloaggoncalves@yahoo.com.br

Flávia Cachineski Diniz (PPGM – UFBA) – flacachineski@terra.com.br

Joana de Cássia Santos Araújo (PPGM – UNIRIO) – joana.sanfona@gmail.com

Judie Kristie Pimenta Abrahim (PPGM – ECA-USP) – judiepimenta@usp.br

Laize Soares Guazina (FAP / PPGM UNIRIO) – laizeg@yahoo.com.br

Paulo José de Siqueira Tiné (Fac. Santa Marcelina / FAAM - SP) – paulotine@hydra.com.br

Rafael Marin da Silva Garcia (PPGM–IA-Unesp-SP) – rafaelmarin7@hotmail.com

Tiago de Quadros Maia Carvalho (PPGM - UFBA) – tiago.carvalho@yahoo.com.br

Obs. Outros congressistas participaram das discussões do GT, porém não estiveram presentes na elaboração deste relatório final, razão pela qual não estão mencionados, entre eles a Profa. Flávia Toni (IEB / ECA – USP) e o Prof. Silvio Augusto Merhy (UNIRIO)

Relatório de Mini-Curso
Computador como Ferramenta de Pesquisa

Daniel Gohn

O mini-curso "Computador como Ferramenta de Pesquisa", com carga horária de 6 horas, foi realizado durante o XIX Congresso da ANPPOM, em Curitiba, entre 25 e 28 de agosto de 2009. A sala oferecida pela Universidade Federal do Paraná apresentou amplo espaço e tinha 12 computadores, nos quais todos os softwares que seriam utilizados foram previamente instalados. O apoio do professor Hugo Melo, responsável pelo local, e da equipe organizadora do congresso, coordenada pela professora Rosane Araújo, proporcionou condições ideais para as atividades.

Dos 10 inscritos para o curso, somente 5 compareceram para o início dos trabalhos. A ausência de um número maior de participantes pode ser compreendida a partir de dois fatos: 1) o mini-curso foi realizado concomitantemente com os GTs; e 2) a divulgação dos conteúdos que seriam abordados foi centrada em questões básicas de informática (por exemplo, elaboração de textos com Microsoft Word e preparação de apresentações com PowerPoint). Tais assuntos aparentemente não geraram interesse nos participantes do congresso, que revelaram conhecimento suficiente dessas ferramentas e, portanto, deram preferência à participação nos GTs.

O grupo dos 5 participantes se mostrou proficiente nas tarefas inicialmente propostas e imediatamente alternativas foram sugeridas. Assim, o foco dos trabalhos foi dirigido para recursos educacionais abertos e podcasts, assuntos que foram de grande interesse e resultaram em atividades adequadas para a turma. Todos afirmaram que ficaram satisfeitos com o curso, juntando idéias que seriam explorados mais tarde.

Na assembléia da Anppom, durante o congresso, foi colocada em questão se seria relevante a realização de mini-cursos nos próximos eventos. Gostaria de firmar minha posição de que, independente do formato adotado, vejo como essencial o espaço para conversas sobre tecnologia e educação musical que ofereçam a prática imediata. Trata-se de uma situação que precisa acontecer na frente dos computadores, com tempo suficiente para exemplos que possibilitem o contato com as mais recentes ferramentas de ensino e aprendizagem musical.